

Luis Sérgio Leonardi

Ficha Técnica

Depoente: Luis Sérgio Leonardi

Perfil: Nasceu no dia 08 de setembro de 1937 em Araras-SP.

Formou-se pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP em 1963 tendo sido contratado como Instrutor do Departamento de Clínica e Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de Campinas em outubro de 1968. Na Unicamp galgou os seguintes títulos: Doutor em Ciências (1972), Professor Livre Docente (1973), Professor Adjunto (1978) e Professor Titular (1981). Em 1973 recebeu o título de Especialista em Cirurgia Geral pela Associação Brasileira de Medicina.

Desenvolveu uma vasta produção acadêmica atuando na organização e coordenação de eventos científicos, teve participação ativa em congressos e seminários e desenvolveu diversos projetos científicos. Atuou ativamente no ensino exercendo supervisão das atividades práticas em centro cirúrgico, enfermarias, plantões e ambulatórios para alunos, residentes e docentes da disciplina de Moléstias do Aparelho Digestivo, da qual foi coordenador. Foi também coordenador de cursos, coordenador da Área de Cirurgia Geral e coordenador da Unidade de Transplante Hepático. Implantou o serviço de transplante hepático em seres vivos na Unicamp e incentivou a criação de núcleos regionais de captação de órgãos em outras cidades do estado de São Paulo para o Serviço de Referência da Unicamp, sob sua coordenação. É autor de livros didáticos e científicos e tem trabalhos publicados em revistas científicas nacionais e estrangeiras.

Na administração universitária exerceu diversas atividades, das quais destacamos as de diretor executivo do Centro de Diagnóstico de Doenças do Aparelho Digestivo (Gastrocentro), a de diretor da Faculdade de Ciências Médicas (1980-1984), a de presidente do Conselho de Administração do Hospital das Clínicas e a de chefe do Departamento de Cirurgia (de 1973 a 1982 e de 1984 a 1988).

Tipo de entrevista: depoimento

Entrevistador: Eloi José da Silva Lima

Local e data da entrevista: Departamento de Cirurgia do Hospital de Clínicas da Unicamp, 06/06/89

Duração: 1 hora 40 minutos aproximadamente

Fitas cassetes: 2

Transcrição: Oscar Teixeira Júnior

Conferência de transcrição e editoração: Vânia Regina Personeni de Miranda

Sumário: O objetivo de sua vinda para a Universidade de Campinas; o trabalho e as dificuldades enfrentadas no período em que a Faculdade de Medicina funcionou na Santa Casa de Campinas; suas iniciativas para melhorar a situação de funcionários e estudantes da Faculdade de Medicina durante o período em que foi diretor; as sedes de alguns departamentos da universidade; diferenças entre a USP e a Unicamp; o incentivo, a personalidade, a administração e o rigor do reitor Zeferino Vaz; os auxiliares do professor Zeferino: Paulo Gomes Romeu, Arlinda Camargo, Théo Borjas, Zuhair Warwar e doutor Camargo; as especializações e as viagens ao exterior; o Núcleo de Medicina e Cirurgia Experimental; suas funções administrativas na universidade e suas idéias sobre o assunto; as relações universidade/governos estadual e federal; a situação política do país e as interferências dessa política na universidade; professor Zeferino Vaz e as relações com o governo militar: general Ernesto Geisel, Jarbas Passarinho, general Emilio Garrastazu Médice; a autonomia financeira e a política na universidade; a educação no país e o papel da Unicamp no desenvolvimento científico e tecnológico; a Unicamp como universidade inovadora.

LSL = Luis Sérgio Leonardi

EL = Elói José da Silva Lima

FITA 1 - LADO A

EL.: Professor Sérgio Leonardi, estamos aqui nas dependências do Hospital de Clínicas, no Departamento de Cirurgia. Hoje é dia seis de junho de 1989 e nós estamos aqui com o objetivo de entrevistá-lo tendo em vista a pesquisa que envolve um estudo sobre o período de criação da Unicamp que vai de 1966/67 até 1978; coincide com a gestão do professor Zeferino Vaz. Inicialmente eu gostaria de pedir que fizesse um pequeno resumo da sua carreira científica e acadêmica dentro da universidade.

LSL.: Bem, eu cheguei em Campinas para trabalhar na Unicamp em 1968. Eu vim para cá a convite do professor Sílvio Carvalhal. Eu havia feito o curso médico em Ribeirão Preto, terminando-o em 1963 e passado os anos de 63 à 68 me especializando em São Paulo, na Escola Paulista de Medicina e no Hospital de Clínicas. Aqui em Campinas, em 1972 defendi tese de doutoramento, em 73 tese de livre docência, em 78 professor adjunto e em 1981 professor titular de cirurgia do aparelho digestivo.

EL.: Professor, então o senhor teve uma participação... inclusive a sua escolha como um dos entrevistados foi em função da sua participação ativa naquilo que nós denominamos período de fundação da universidade. Então, eu gostaria que sobre isso o senhor fizesse uma exposição de quais eram as suas idéias e expectativas sobre o que deveria ser a Unicamp por ocasião da sua criação. Você poderia falar, inclusive, dos aspectos filosóficos, quanto às finalidades da instituição e o seu papel dentro da sociedade.

LSL.: Quando eu cheguei em Campinas o objetivo principal era montarmos uma enfermaria de clínica e cirurgia onde se pudesse dar seqüência ao ensino de graduação que se iniciara há alguns anos atrás e que naquele exato momento sofria um período de incertezas e de dúvidas. Trabalhamos com afinco na Santa Casa de Campinas - até bem recentemente - passamos lá 20 anos da nossa vida no sentido de dar estrutura para o ensino de graduação. Ousamos também iniciar a residência em cirurgia e, também, durante estes anos, não descuidamos da preparação de novos assistentes que pudessem desempenhar funções pedagógicas e científicas na Unicamp de hoje. É importante considerar que neste período da Santa Casa, um período de muitas dúvidas, de muitas incertezas, nós sempre tínhamos dúvidas se nós não iríamos ser despejados de lá a qualquer momento, a qualquer hora, tão freqüente... tão freqüentemente eram criados impasses com a administração da Santa Casa; ora por falta de verba, ora por mal entendido com a provedoria, ora por atritos com o corpo clínico do Hospital "Irmãos Penteados", pertinentes ou não. A verdade é que nós vivíamos num dos ambientes dos mais pobres e sem recursos que eu tenho conhecimento na medicina brasileira, sobretudo em termos de hospital-escola. Mas posso dizer a você que foram anos felizes, anos de luta e anos de trabalho em que a comunidade médica, mais do que nunca, era unida e sonhava um dia mudar para o novo Hospital de Clínicas. Vale então a pena perguntar como é que nós suportávamos todo esse fardo e todas essas dificuldades. Eu diria que muito disso nós devemos ao saudoso reitor Zeferino Vaz. Ele que incutia nos professores mais velhos, ou nos professores mais antigos, o senso da responsabilidade e preocupação de servir. O professor Zeferino, como que irradiando a sua imensa sabedoria e a sua larga experiência em ensino médico, ele minimizava aquelas dificuldades e apelava para o nosso bom senso, para a nossa criatividade, a fim de que essa tarefa pudesse ser resolvida a contento ou, eu diria, de forma muito satisfatória, como todos reconhecem que esta tarefa foi concluída. Zeferino Vaz sempre procurou transmitir que nós teríamos uma faculdade de medicina moderna, de tecnologia de vanguarda e inserida num *campus* universitário, coisa que é absolutamente um privilégio da Unicamp, ter uma Faculdade de Medicina inserida e adaptada, funcionando harmoniosamente com outros institutos e faculdades da Unicamp. Então, foi com esse alento, com essa perspectiva e, sobretudo, fazendo um grande investimento no ensino de graduação, pelo que nunca nos foi negado apoio, é que nós víamos surgir unidades e mais unidades da Unicamp. Eu me lembro perfeitamente que no princípio a sede da Reitoria era na rua Dr. Quirino, se não me engano, no centro da cidade, num casarão histórico que ainda existe por lá. Depois a sede mudou-se para a Barão de

Itapura onde hoje em dia é a sede de uma companhia de empresa de automóveis. Posteriormente é que a Reitoria foi sediada aqui, no prédio onde hoje é a atual Reitoria. O primeiro contato que nós tivemos aqui com o *campus* foi exatamente no Instituto de Biologia onde hoje é a Seção de Administração¹ da universidade. É o prédio que fica bem defronte à Reitoria. Aquele prédio, para nós, representava uma verdadeira revolução em termos de arquitetura de universidade: um prédio de linhas singelas, de construção muito simples e que destoava completamente, naquele então, com a grandiosidade e o fausto com que os dirigentes das instituições públicas procuravam fazer suntuosas obras públicas, quase sempre não concluídas. Então, a grande mensagem da era de Zeferino, eu diria que se resume em dois aspectos, dois tópicos fundamentais que eu colocaria desde logo para a sua apreciação. Primeiro, o investimento que o mestre fazia na seleção do corpo docente, das pessoas que eram as cabeças de áreas e que teriam a tarefa de erguer, de projetar a universidade em todos os seus ramos de atividade, inclusive a Medicina. E segundo, a simplicidade e praticidade com que ele houve por determinar a construção de todo o *campus* da universidade. Eu acredito que se não fosse ele, ainda, seguramente, estaríamos construindo prédios aí na universidade. Tenho impressão, que pela sua colocação, essas seriam as minhas primeiras impressões.

EL.: Pessoalmente, o que o senhor esperava que fosse, não só o ensino da Medicina na Faculdade de Ciências Médicas, mas a universidade? Então, qual era a sua expectativa... ?

LSL.: Para responder a essa pergunta eu preciso voltar um pouco atrás. Como eu disse, eu me formei em Ribeirão Preto, que é uma escola da USP, uma das mais tradicionais. Então eu fui criado dentro do ambiente da melhor tradição da Universidade de São Paulo. E exatamente, eu vim para Campinas sonhando que nós pudéssemos realizar aqui, no campo da Medicina, algo a mais do que eu havia participado, por que eu tinha participado e havia assistido tanto no Hospital de Clínicas de Ribeirão Preto, como no Hospital de Clínicas de São Paulo, que na época era o principal hospital do país. Então, a minha expectativa era de um jovem médico com muito idealismo e com muita vontade de seguir adiante na carreira universitária. Então, meu sonho era que nós pudéssemos fazer aqui, aquilo que o gigantismo da Universidade de São Paulo de certa maneira impedia que se fizesse na sua universidade. Estas foram as razões básicas porque eu fora, nos anos que antecederam a minha vinda para cá, como que doutrinado dentro da Universidade de São Paulo. E eu sentia que na Universidade de São Paulo, talvez, nós não teríamos a oportunidade de desenvolver um trabalho de fôlego, um trabalho de pique como eu sentia que seria possível aqui em Campinas.

EL.: O senhor concorda que a gente considere o período da gestão do professor Zeferino Vaz como uma etapa única e homogênea correspondendo àquilo que nós chamamos de "período de fundação da universidade"?

¹ Atual Diretoria Geral da Administração.

LSL.: Ah! Não há dúvida alguma! Não há dúvida alguma! Você mencionou período de 66/67 [simultaneamente com o entrevistador] até 78.

EL.: Até 78.

LSL.: Não há dúvida. Eu diria que foi o período romântico da universidade. Período de grande saudade para todos nós. Nós assistimos nesse período uma... primeiro que não houve mudança na filosofia da administração. Segundo que havia uma liderança firme, uma liderança realmente efetiva e que se preocupava com problemas de não só menos importância até os problemas de maior relevância. Eu acompanhei o professor bem de perto. Eu era assíduo frequentador do seu gabinete, como amigo pessoal, como amigo de muitos anos desde Ribeirão Preto. Então, eu acompanhei o professor em muitas das suas atividades, até fora da universidade e posso dizer que a marca registrada do período do Zeferino foi a preocupação com o seu semelhante. Eu acredito que a Unicamp viveu nesse período em função do respeito maior ao homem, ao homem comum, ao homem da rua. Qualquer atividade nossa, qualquer proposta de trabalho, qualquer pedido de viagem ao exterior, sempre tinha que passar por um crivo muito rigoroso do reitor. Ele queria saber onde é que estava a prestação de serviço que a universidade fazia à coletividade, por onde que a universidade... ela iria transpor os seus limites físicos e se inserir verdadeiramente na comunidade. Por outro lado, as suas exigências com relação à pesquisa eram terríveis. Frequentemente, o professor me contava dos seus inúmeros trabalhos de publicação no estrangeiro, antes dele optar pela área administrativa da universidade. O intercâmbio que ele mantinha com professores do estrangeiro, com universidades e faculdades foi de extrema valia para os mais jovens que aqui chegavam, como foi o meu caso e de outros professores já com mais tempo de universidade, que se serviam muito desta porta aberta para o mundo científico, que era a figura do reitor.

EL.: Então, já que estamos falando do professor Zeferino... você está falando, então quais eram os seus vínculos filosóficos, ideológicos e políticos com o professor Zeferino? Qual é sua identificação com ele e também com os outros membros da alta administração da universidade, as outras pessoas que trabalhavam com o professor Zeferino?

LSL.: Sim. Evidentemente que quando... Para nós que chegamos a mais tempo na universidade, toda a história gira em torno de Zeferino. Ele centralizou o poder e centralizando o poder ele nos ensinou o exercício democrático do mesmo, porque todos nós, as pessoas mais proximamente ligadas a ele, sobrevivemos até hoje na universidade com muita serenidade, com muita tranquilidade, após a universidade ter dado uma volta de 180 graus. Você mencionou os meus vínculos com o professor. Primeiro eu tinha e tenho por ele uma profunda admiração científica, uma profunda admiração de ordem doutrinária e pedagógica. Naturalmente ele era, e foi, um grande político e se não fosse político não seria reitor por muitos

anos; não seria, não teria sido diretor de inúmeras unidades médicas do país, fundador de Ribeirão Preto, de Botucatu, da Santa Casa de São Paulo, da própria Universidade de Brasília onde foi reitor, então ele era "in natura" um político. Mas na universidade a política partidária jamais teve guarida na era de Zeferino. Eu vou lhe transmitir uma frase dele, uma frase lapidar: "Leonardi, se a política entra na universidade, a ciência sai pela janela." Isso ele me dizia com frequência quando eu almoçava na Reitoria em sua companhia, ou mesmo tomando cafezinho; e ele olhava os jardins da universidade que estavam sendo implementados naquela época. Do ponto de vista ideológico, eu creio que sigo as suas "pegadas", nós somos liberais. Nós somos liberais, mas para a universidade nós entendemos que o academicismo faz parte da universidade. O academicismo representa para alguns até mesmo um mal necessário. Eu acredito que o academicismo é o próprio oxigênio que motiva e gera a vida institucional. Claro que esse academicismo precisa ser moderno, precisa ser atuante, precisa ser vibrante, e não deve ser rançoso e não deve de forma alguma representar, eventualmente, algum período de autoritarismo que tenha existido no país.

EL.: Então o que consistiria esse academicismo?

LSL.: O academicismo, basicamente, instituía... transmitia à todos nós a necessidade de uma progressão hierárquica, a necessidade da criação de responsabilidades crescentes. Impunha a todos nós compromissos insolúveis, no sentido... no sentido de praticar a tríade sagrada da docência: o ensino, a pesquisa e a prestação de serviços. Eu entendo que academicismo, absolutamente, não significa ter o poder mas servir ao poder. Academicismo não significa, absolutamente, andar de roupa preta ou pertencer ao famoso clube dos "chapa brancas" que existe na universidade, absolutamente. O academicismo significa o viver, significa a integração do homem, do docente na universalidade que compõe o contexto desta instituição. Eu não sei se eu respondi à sua pergunta. Eu posso voltar a qualquer tópico, a qualquer item assim que você mencionar.

EL.: O senhor já respondeu em parte. Eu gostaria que o senhor falasse também, além do professor Zeferino, das outras pessoas...

LSL.: Ah! Perdão, perfeito. Existe uma piada aí no nosso meio e eu me permito a dizer isso, que o professor Zeferino andava a 80 por hora e o professor Paulo Romeu andava a 10. Então, 80 por 10 divide por dois e dava uma média boa. Naturalmente que isso é uma coisa jocosa, porque eu rendo ao professor Paulo Romeu, que era o braço direito do professor Zeferino, as minhas melhores homenagens. O professor Paulo Romeu, era a espinha dorsal da administração do Zeferino. Tanto fora em Ribeirão Preto como aqui na universidade. Uma pessoa muito competente, uma pessoa de princípios muito rígidos. E dizem até que ele tinha dois escorpiões, um em cada bolso, tamanho era o rigor com que ele tratava dos interesses das coisas públicas. Naquele tempo a universidade tinha meia dúzia de funcionários. Havia o professor Zeferino, o professor Paulo Romeu, uma excelente criatura que ainda atua na universidade até hoje, a dona Arlinda Camargo.

Uma mulher que, como ninguém, entende dos problemas acadêmicos. Uma pessoa que, eu diria, você não vê, mas você sente a presença dela em todos os atos na universidade. Desde problemas singelos de Câmara de Graduação, de Câmara Curricular até problemas complexos de Conselho Diretor. Dona Arlinda é uma pessoa que vivência a universidade. Outra pessoa de grande importância na época de implantação foi um chefe de gabinete que o professor Zeferino trouxe para cá, o seu Théo, Théo Borjas, de saudosa memória. O Théo, meu amigo pessoal, era o escudeiro mor de Zeferino. Ele era a pessoa que zelava de uma forma... de uma fidelidade jamais vista por tudo aquilo que representasse o exercício do profe... da função de reitor na universidade. Havia o doutor Camargo, que fora assessor do reitor, um homem polêmico, mas também que servia a universidade com um idealismo incrível; um homem que poderia ser... que poderia ser até questionado, não me parece que seria justo qualquer tipo de colocação que não fosse reconhecer o doutor Camargo com um desprendimento ao trabalho fora do comum. Tanto ele como o Théo, eles vinham aí sábado de manhã, ficavam fora de hora trabalhando, eram pessoas que o Zeferino havia trazido de São Paulo, trabalhavam em outras instituições de governo que agora não importa mencionar, mas que trouxeram para cá a experiência e a competência maior, necessária para implantar a universidade. Aí eu acho o grande acerto do professor Zeferino. Ele trouxe para cá homens maduros, homens experientes, que sabiam por onde começar. Evidentemente que esses homens erraram e acertaram, mas permitiram que os mais jovens, os mais novos, os mais atualizados, pudessem projetar a Unicamp moderna de hoje em dia. Zeferino tinha também o senhor Zuhair Warwar, um indivíduo de um brilhantismo mental como poucos, um homem também polêmico mas que na administração Zeferino, sob a liderança de Zeferino, prestou grande serviço à instituição. Quanto aos professores, que também tinham uma atuação junto ao professor Zeferino, eu diria o professor Walter Hadler, o professor Negreiros de Paiva, o professor Oswaldo Vital Brasil de enorme utilidade na... de enorme importância na implantação da universidade, o professor Julião, da Neurologia, o professor José Lopes de Faria da Anatomia Patológica, o professor Sílvio Carvalhal com quem eu vim para a universidade, foram pessoas que eu diria que pela importância científica, pela capacidade pedagógica e pela importância intelectual que tinham no meio científico do Brasil, seguramente serviram à universidade e não se serviram da mesma. Aquele idealismo inicial às vezes eu me pergunto se ele não vai... se não foi se apagando com o passar dos anos.

EL.: Sim, a minha próxima pergunta é exatamente sobre esse ponto. Na sua visão quais as crenças, vamos dizer assim, as crenças filosóficas que, no seu entender, foram vitais para a construção da Unicamp? O senhor acredita que elas foram duradouras? Quem contribuiu para formulá-las? O senhor já falou que elas partiram, na verdade, do professor Zeferino. O senhor poderia comentar um pouquinho se elas foram duradouras, se...

LSL.: É... eu entendo essa pergunta como dizendo o seguinte: será que a Unicamp é uma universidade integrada? Será que todos que aqui vivem comungam do mesmo ideal, dos mesmos objetivos?

EL.: O senhor poderia falar da sua visão. Começar dizendo qual é... na sua percepção, quais eram essas crenças. O senhor já... em parte o senhor já citou... a questão do rigor científico...

LSL.: Veja que essa idéia de colocar todos os ramos de atividade humana, quase todos eles, no mesmo ambiente, no mesmo *campus*, foi uma idéia dos anos 60, dos anos 50, que existe em outros países, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa... mais nos Estados Unidos, a idéia dos *campus*. Hoje em dia é uma idéia um pouco agonizante. Realmente quando se pretendeu fundar uma universidade e colocar todos os ramos da atividade próximos de si, próximos um do outro, naturalmente se pretendia uma integração, pretendia-se uma maximização de recurso, pretendia-se uma agilização administrativa, porque seria extremamente contraproducente que se pretendesse, por exemplo, que a Faculdade de Educação pensasse politicamente igual à Faculdade de Medicina, ou que as áreas das Humanas não tivessem os seus questionamentos, os seus atritos, que nós sabemos que é do atrito que vem a energia, da mesma forma que a Faculdade de Medicina. Então, são grandezas não comparáveis entre si. Então, na verdade, eu quero insistir neste ponto [pequena pausa] a colocação de todos os institutos e faculdades vizinhos uns dos outros talvez permitisse à Reitoria um maior controle sobre as diferentes unidades. E mesmo uma política de prestação de serviço, uma certa filosofia de ensino comum à todas elas, uma exigência de pesquisa científica da melhor qualidade. Fora disso, como eu já lhe falei, é muito difícil nós compararmos a estrutura hierarquizada, estrutura, de certa maneira, que se baseia muito na experiência do já vivido, que é o que define a medicina. Medicina exige, sobretudo, o conhecimento seguro de uma enorme experiência pregressa para que isso seja transmitido. Ao contrário, outras áreas de conhecimento humano como a Física ou a área das Humanas, por exemplo, se permite que a criatividade se faça de uma forma muito mais acelerada e não se exige tanto conhecimento de experiência pregressa para se dirigir uma unidade, ou para se transmitir um ensino de graduação. É um assunto um pouco delicado quando se aborda neste tópico, porque a medicina tem por finalidade tratar o semelhante. Nós só podemos tratar o semelhante porque já conhecemos o fato, temos experiência e isso deve ser conduzido dentro da melhor, da mais severa ética de procedimentos. Então, muitas vezes houve neste tempo todo certos desencontros, ou certas colisões de opiniões entre o pessoal da área médica e áreas, digamos assim, mais avançadas, ou mais progressistas da própria universidade. Eu acho que não houve desencontro algum na minha opinião. Eu acho que o que realmente acontecia era um... maneiras diferentes de se entender um problema universitário. Eu sei que eu estou fugindo um pouco da sua pergunta, ou talvez antecipando alguma outra que vem pela frente, mas que o assunto é muito complexo e eu não tenho a síntese necessária para lhe responder...

FITA 1 - LADO B

EL.: Então, só para completar esta questão, essas crenças que o senhor tem em mente como sendo fundamentais para a criação da Unicamp, o senhor acredita que elas permaneceram? Foram duradouras ou...?

LSL.: Ah, sim!

EL.: ...num determinado momento o senhor falou... até falou em uma volta de 180 graus.

LSL: Ah! Sim! Veja bem, eu entendo que desde o começo da Unicamp... Pessoalmente foi uma grata experiência eu ter convivido com o pessoal da Educação, com o pessoal das Humanas, com o pessoal da Física, da Matemática e assim por diante. A minha visão é que isso foi um resultado positivo, porque às vezes, no começo, era difícil entender o que o Rogério Cerqueira Leite pensava e eu no começo tive grandes entrevistas com ele, e o Zeferino precisou até mediar algumas réplicas e tréplicas que eu fiz ao professor Rogério Cerqueira Leite, meu amigo pessoal. Mas nós admiramos um Sérgio Porto, falecido, de uma idéia completamente diferente de um médico, de um médico que naquela época era doutor, ou fazendo livre docência já, que é o meu caso. Mas deste pouco conhecimento, desta dificuldade em compreender e depois até aprendendo alguma coisa, com o passar dos anos eu incorporei conhecimentos que foram de extrema utilidade para mais tarde quando eu vim a ocupar cargos importantes na universidade, e mesmo hoje que eu estou afastado da política universitária e que eu exerço... tenho atividades fora da universidade; isto foi muito importante na minha formação, na minha reflexão de problemas. No tocante ao giro de 180 graus, eu diria a você que é uma tentativa de explicar que naquela época se existia alguma dúvida de ensino, algum problema com a residência médica, alguma questão pendente com a Santa Casa, nós éramos convocados de imediato ao Gabinete do Reitor para discutir o problema com ele. E lá se encontrava uma solução, rigorosamente a mais honesta e a que atendesse às conveniências da universidade de então. Eu fui testemunho de grandes decisões dentro da Reitoria e posso dizer à você que elas não desrespeitaram em nada os princípios democráticos. A todos nós era dado o direito de falar, era dado o direito de protestar. Hoje em dia os 180 graus chega a isso, é que nós discutimos antes nos instamentos² mais inferiores da universidade, e essas discussões elas vão caminhando para os colegiados de complexidade e de maior mando até desaguar no próprio Conselho Universitário. Então, é isso que eu quero dizer que... resumido: antes, nós como que estávamos acostumados a aprender a obedecer, de cima para baixo, hoje nós somos doutrinados a aprender a obedecer de baixo para cima. Mas, significativamente, eu acho a Unicamp um ambiente... como conclusão,

² Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

eu acho a Unicamp um ambiente bom, porque tanto na época do Zeferino como na época atual, existe uma cordialidade, existe um trato respeitoso às pessoas. Eu não vejo que a democratização da universidade, novas processualísticas eleitorais, tenham infligido este espírito universitário que aqui ainda permanece e rogo que permaneça para sempre.

EL.: Então o senhor acredita que essa marca, que era realmente uma marca registrada da administração do professor Zeferino, que era a centralização... então o senhor acredita que essa centralização ela estava... ela foi adequada àquele momento? O senhor já falou isso - que permitiu que houvesse uma racionalidade em termos de tomada de decisão. Essa centralização, o senhor concorda também que ela era uma coisa adequada àquele... ao momento político que nós vivíamos?

LSL.: Sim. Veja bem, era adequada, sem ela não teríamos Unicamp. Funcionou muito bem e se você me permite, o centralismo existe até hoje. O centralismo passou pelo doutor Plínio de Moraes, passou pelo professor Pinotti, altamente centralizador, muito mais do que Zeferino, e continua hoje com o professor Paulo Renato, uma pessoa de inevitáveis... inequívocos predicados democráticos. Eu acho que o que é centralizador é a estrutura, não são os homens que passam por lá. Eu... me perdoe se eu divirjo de você, ou se a minha visão é totalmente diferente, mas ninguém administra a universidade se não exercer o centralismo no poder. Se isto é o melhor podemos discutir; acho até que não, mas, ainda hoje, 1989, as decisões aqui na universidade, aqui na Faculdade de Medicina - eu não quero já colocar o carro na frente do boi - mas as decisões são tomadas a nível de Gabinete de Reitor. Continuam sendo. Então eu não aceito a tese, por exemplo, de que o professor Zeferino, ele foi centralizador, para alguns até um pouco autoritário, nós podemos dizer esta expressão, naquele então. Se ele existisse hoje ele seria a mesma coisa. Eu acho que ele seria a mesma coisa. Se o nosso reitor na época da fundação da universidade quisesse implantar a Unicamp e se esse homem chamasse, por exemplo, professor Paulo Renato, ele teria que andar como Zeferino andou, senão não faria nada. Evidentemente que eu peço vênia para dizer que existem características de personalidade diferentes de um e de outro; nós não podemos comparar A com B. Ok.?

EL.: Certo. Professor Leonardi, qual foi a sua participação e aquilo que o senhor considera suas principais contribuições na criação, na implantação da Unicamp?

LSL.: A minha contribuição aqui foi muito modesta porque, como eu disse a você, eu pertenci ao clã... acho que o clã é uma palavra um pouco prosaica, mas que define bem a minha situação. Eu pertencia ao grupo mais diretamente ligado ao professor Zeferino Vaz e... então a minha participação foi muito modesta, uma participação singela e já há algum tempo eu estou completamente afastado das atividades políticas da universidade. Mas eu gostaria de lembrar que nós, juntos com alguns colegas daqui, nós fundamos o Departamento de Cirurgia na Unicamp, que até então isso não existia. O professor de cirurgia aqui... os

vários professores que me antecederam, eram professores de fim de semana; a Unicamp era tida como uma escola de "beira de estrada": o professor que passava dava uma paradinha, dava uma aula e ia para frente; e nós viemos residir em Campinas e dedicamos toda a nossa vida aqui à Unicamp, do que não me arrependo. Trabalhamos na montagem desse departamento na Santa Casa. Santa Casa é alguma coisa que talvez pudesse ser até tombada pelo patrimônio histórico para dizer que no século XX, homens em Campinas funcionaram com uma faculdade nessa estrutura arquitetônica. Eu gostaria que se você não conhece, devia fazer uma visita lá para sentir *in loco* o que era a Santa Casa de Campinas e onde nós funcionamos. Eu tenho muito orgulho e tenho uma vaidade enorme quando digo que eu contribuí enormemente para a formação do corpo docente da Faculdade de Medicina e particularmente o Departamento de Cirurgia. Todos os docentes que tem aqui, mais de 20, todos eles foram admitidos na universidade por minha indicação. Todos, sem exceção, foram por mim examinados nos concursos acadêmicos, desde 68, ou melhor dizendo, desde 72 até a presente data. Então, eu sempre procuro dizer aquilo que o Zeferino nos ensinava: "Nós devemos projetar para o futuro algo melhor do que foi a nossa própria atividade". Então, eu me sinto muito satisfeito porque no Departamento de Cirurgia eu fui um "coleccionador de cérebros", eu fui um colecionador de bons talentos, plagiando o que o reitor falava. Fui diretor da Faculdade de Ciências Médicas, e como diretor da Faculdade de Ciências Médicas eu recebi ao término da minha gestão uma carta do reitor da época, o professor Pinotti, onde ele assinala a minha contribuição, do meu trabalho na pacificação da faculdade, na condução da faculdade na Santa Casa, em condições físicas das mais precárias e sofríveis onde se podia, efetivamente... a fim de que se pudesse efetivamente, perdão, aguardar o término das obras do novo Hospital de Clínicas. A direção da Faculdade de Ciências Médicas tem algumas passagens pitorescas que talvez fosse o caso de registrar: os funcionários que trabalhavam na faculdade não tinham comida, os funcionários mais humildes, então eu usava o dinheiro do convênio e comprava essa comida da Unicamp.

EL.: Qual era o convênio?

LSL.: Do INAMPS.

EL.: Do INAMPS.

LSL.: A faculdade tinha um convênio com o INAMPS e os funcionários mais humildes não tinham comida. Então, eu usava o dinheiro do convênio e comprava da Unicamp, aqui do Restaurante Central, comida que uma perua kombi muito velha da Santa Casa vinha buscar 10:30, 11:00h da manhã e levava para lá, para dar comida para esse pessoal. Eu instituí também naquela época que a verba de convênio ela pudesse ser, em pequena quantidade, repassada para os funcionários que, se hoje ganham mal, naquele tempo ganhavam pior ainda. Então, eu procurava minimizar essa extrema carência dos funcionários mais humildes da universidade, repassando recurso de convênio para eles. Eu guardo isso com muito carinho, com muito

orgulho. Da mesma maneira que eu consegui junto ao governador Franco Montoro que os internos, ou o pessoal do sexto ano, passasse a receber um auxílio. Um auxílio equivalente a meio salário mínimo ou a um salário mínimo, não me lembro bem, no sentido de permitir que eles se dedicassem por mais tempo ao internato médico e por conseguinte à própria assistência dos doentes da Santa Casa. A residência médica teve da minha parte também uma atenção muito grande, porque naquela época a residência... naquela época o governador era o Paulo Maluf, então, você imagina o que eu passava, o que eu sofri tendo em vista que a universidade sempre foi opositora ao ex-governador Paulo Maluf e a residência médica em todas as outras faculdades era mantida por verba direta do Governo do Estado; não era uma verba orçamentada a nível das universidades. Acontece que na Unicamp, por capricho político de um ou outro professor da Faculdade de Medicina que levavam os alunos a tomarem uma atitude também de oposição ao governo da época, nós, Unicamp, tínhamos que encontrar recursos para manter a residência e com frequência esses recursos, por pressão do governador Maluf, na época, esses recursos faltavam, chegavam atrasados. Havia enormes problemas para se manter a residência funcionando e crescendo. Felizmente o Conselho Diretor, que sempre teve manifestações de grande compreensão e de apoio à Faculdade de Medicina, principalmente na época em que eu fui diretor da Medicina, eles sempre... foi muito sábio nos ajudando de maneira que a residência médica conseguiu ultrapassar esse período de dificuldade e hoje em dia ela está aí mais forte, mais pujante do que nunca. Nós realizamos aqui também, na Faculdade de Ciências Médicas, uma política de incentivar a pesquisa, a pesquisa da melhor qualidade, seja clínica ou seja experimental. Para tanto, nós fizemos aqui o "I Congresso Médico da Unicamp", no ano de 1982, exatamente quando a Faculdade de Ciências Médicas completava 20 anos de existência. Aqui existe hoje em dia o "Núcleo de Medicina e Cirurgia Experimental". Isto, também contou com a nossa participação e, como não podia deixar de ser, apoio decisivo do reitor Zeferino Vaz. Ele deu tudo o que nós pedimos na época, a fim de que pudéssemos implantar a cirurgia experimental e, da idéia inicial de cirurgia experimental, para lá foram convidados e introduzidos quase todos os departamentos da Faculdade de Ciências Médicas. E hoje em dia constitui o "Núcleo de Medicina e Cirurgia Experimental" que é um dos orgulhos da Faculdade de Ciências Médicas e da própria Unicamp, mas nasceu no Departamento de Cirurgia. Bem, seriam assim de maneira muito singela, os principais tópicos que eu gostaria de lembrar para registro do meu período de diretor da Medicina.

EL.: Professor, o senhor exerceu funções... além das funções acadêmicas, propriamente ditas, o senhor exerceu funções administrativas. Então a minha pergunta é a seguinte: face à sua formação escolar e a experiência profissional de um modo geral, gostaria que o senhor fizesse uma avaliação entre essa sua formação, essa sua experiência e as funções que o senhor exerceu na Unicamp. Ou seja, que o senhor estabelecesse uma relação de correspondência e adequação entre uma e outra. Essa pergunta na verdade tem

o intuito de avaliar se a sua formação escolar e a sua experiência sempre foram compatíveis com as funções que o senhor exerceu.

LSL.: Eu acho que para administrar o indivíduo precisa levar jeito, precisa ter alguma coisa inata, alguma coisa que traz dentro de si. Claro, que se ele tem conhecimentos previamente adquiridos para o exercício de uma tarefa de administração as coisas se tornam mais fáceis. No meu caso, eu sempre tive um pouco de gosto e um pouco de jeito para as questões administrativas por uma questão de herança de família. Eu cresci no meio de família de empresários, então, eu aprendi, digamos assim, rudimentos de administração. Na Medicina, de um modo particular, eu tive a grande vantagem de ser cirurgião. O cirurgião de todos os médicos é aquele que é o mais prático - dizem até que não é um dos mais cultos, não é dos mais inteligentes, que isso seria apanágio dos patologistas e dos clínicos - coisa que eu não concordo, com o devido respeito que tenho por eles. Mas, de qualquer forma, o cirurgião é prático, o cirurgião é um homem que tem que responder já e agora. Então, talvez por isso, nós pudemos adequar uma falta de conhecimento teórico de administração prévia, à condição de médico cirurgião com a administração de Departamento de Cirurgia, Comissão de Pós-Graduação, várias comissões de hospital que eu trabalhei, diretor da Faculdade de Ciências Médicas, membro de Comissão de Orçamento da Unicamp, membro de Comissão de Estudos Sociais da Universidade, vice-presidente de Funcamp e assim por diante. Talvez por causa dessa praticidade que eu entendo que o “be a bá” da administração se resume na seguinte doutrina: existe um problema, vamos tocar para resolver. Se houver o erro, vamos voltar para corrigir o erro. Mas, jamais devemos aceitar o imobilismo. Então, essa é a receita que eu dou para as pessoas que são, eu diria, são os amadores de administração, não são profissionais, porque, na verdade, eu não sou um profissional da administração.

EL.: O senhor acha que de um modo geral... e a minha pergunta em função de que a universidade ela sempre foi administrada por não profissionais ou por amadores, ou seja, são docentes que eventualmente... o senhor acha que isso prejudicou a administração da universidade?

LSL.: Eu não acho. Eu acho o seguinte: eu acho que os melhores períodos da universidade foram quando ela teve, vamos dizer, no segundo escalão, grandes administradores. Eu acho que o Hospital de Clínicas já teve e tem no seu segundo escalão pessoas... grandes administradores. O DGRH³ teve, e tem, grandes administradores. A Reitoria, assim por diante. Eu acho que ao docente... ele compete mais, transmitir aos funcionários qual é a filosofia a ser adotada e aos funcionários compete trazer já para a decisão política dos docentes qual o caminho ou a decisão a ser assumido. Eu entendo também que as decisões... nas decisões, deve vir embutida uma enorme dose de responsabilidade e de assunção pelo ato que se pratica. Eu não posso aceitar dizer que o administrador assinou em cruz ou assinou por que não viu. Isto caracteriza o

administrador inepto, o administrador relapso. Entendo também que a outorga do ato administrativo nem sempre deve passar por processo de eleição. Eu acho que a eleição é ótimo, é muito bom para as decisões que podem ser arbitrárias. Tudo aquilo que é arbitrário, que existe, permite mais que uma hipótese, portanto, mais do que uma solução. O ótimo critério é o critério democrático do voto. Exceto essas condições, o preenchimento das funções técnicas deve passar pelo máximo do rigor, da exigência que se deva fazer à escolha do homem certo, do lugar certo.

EL.: Professor Leonardi, em relação a esse período de 66 a 78... consideramos o período de fundação da Unicamp, como o senhor via a situação nacional e do Estado de São Paulo do ponto de vista econômico, político e quais as influências que esses fatores da situação nacional e de São Paulo trouxeram para a Unicamp? O senhor poderia considerar em seus comentários o papel dos governos federal e estadual em relação à vida acadêmica.

LSL.: Bem, em relação à vida acadêmica eu acho que menos na Unicamp e muito mais em outras fa... instituições universitárias, nós tivemos um período de obscurantismo muito sério. Foi um lado muito negativo desse... do período de autoritarismo. Essa a impressão que eu tenho. Eu diria a você... Eu diria a você que a Unicamp, ela foi considerada, durante certo período, como a filha predileta do AI-5, ou seja, do Ato Institucional número cinco, isto era dito assim à "boca pequena". Mas, eu também diria à você que, graças a Deus, o reitor chamava-se Zeferino Vaz; e Zeferino, ele trouxe para cá os grandes cérebros, as grandes inteligências do país que estavam amargando o exílio, um exílio tormentoso, de vida difícil no exterior e, via de regra, exílio imerecido. Eu me permito a não citar nomes, evidentemente, mas eu participei de gestões, eu acompanhei gestões do professor, quando trouxe para cá pessoas que estavam no estrangeiro e a atuação mesmo do professor junto aos órgãos de segurança na época, no sentido de que essas pessoas não tivessem cerceamento da sua liberdade, sejam pessoas que... evitassem de ser detidas, ou mesmo pessoas em cárcere. Nós temos conhecimento da atuação do professor para garantir o direito fundamental de ir e vir de todos os docentes, funcionários e até alunos da universidade. Então, nós tínhamos... a Unicamp era de certa forma e o tempo veio mostrar depois que foi aqui na Unicamp que foram se gestando, não é? [riso] Ou foram se gerando novas idéias que vieram depois assumir o cenário nacional. Você nota aí o número de pessoas que estavam no estrangeiro, pessoas eminentes hoje em dia no país, e que vieram para cá pela mão do Zeferino. Realmente eu não sei como é que ele conseguia aquilo porque, ao que eu saiba, aqui na Unicamp nunca houve o que acontecia em outras universidades: pedido de certidão ideológica, antecedente de folha corrida, e assim por diante. Eu, por exemplo, honestamente se eu souber de algum caso para mim é novidade; mas nós tínhamos aqui uma liberdade bem maior do que havia em outras instituições. E não havia

³ Diretoria Geral de Recursos Humanos da Unicamp

um estado policial franco dentro da universidade. Eu nunca vi polícia aqui dentro, nem polícia fardada e muito menos os serviços reservados de investigação.

EL.: O senhor falou bem, é uma incógnita, um certo mistério saber como o professor Zeferino conseguia isso. Vários dos entrevistados tem falado... Ninguém tem... ninguém sabe o que o professor Zeferino fazia, mas ele conseguia...

LSL.: Eu posso dizer a você que certa época eu assisti a discussão dele com um general dentro do gabinete dele e... numa época que ele andou brigando com o jornal *O Estado de São Paulo* e por sinal ele ganhou a briga. Então, ele... o general fez menção a ele, de que ele, general, tinha um padrinho muito alto junto ao exército e o Zeferino disse: "Não é problema nenhum porque se você tem um general que é seu padrinho, eu tenho um almirante que é meu padrinho. E você fique sabendo que almirante continua ainda mandando mais que o exército no país". Mas eu... a gente... eu não posso dizer porque ele nunca me contou, mas o professor me dizia o seguinte: "Leonardi, você nunca queira estar nem muito lá em cima nem muito cá embaixo". Então, eu tenho a impressão que ele, que fora convidado várias vezes a ser ministro e nunca aceitou, ele sempre quis estar por aí, na faixa de reitor, para criar coisas. Então, ele foi um semeador de escolas e de universidades, o maior que se conhece nesse século no país. E... talvez aí resida a grande força moral do Zeferino, que ele servia à instituição, ele não servia à política; ele podia ser do PS ou do PD, qualquer partido da época, fora daqui. Como eu disse a você ele era um hábil político, mas ele, pelo fato de servir ao próximo, pela sua forte dose de humanismo, creio eu e tenho convicção disso - aliás eu pretendo até escrever um certo... um ensaio sobre a vida de Zeferino; eu já estou colecionando dados a respeito - talvez esteja aí a razão maior porque que ele passou incólume por todo esse período de regime de força que nós tivemos no país. Eu vou lhe contar uma passagem muito... do professor nos anos 60: ele era diretor de Ribeirão Preto⁴. Ele havia fundado Ribeirão Preto. Ribeirão Preto estava na "crista da onda", no apogeu, porque ele havia levado para Ribeirão Preto ilustres nomes da ciência mundial: Freitch Keberly, Lucian Lisson, figuras fantásticas da medicina do mundo moderno. Heis que o seu grande amigo, Lucas Nogueira Garces, deixa o Governo de São Paulo e entra para o Governo de São Paulo essa figura notável da política nacional, doutor Jânio Quadros. Então, se esperava a todo instante a saída do professor Zeferino como diretor, porque entrou o Jânio com a sua vassoura mágica. Até que um determinado dia o professor Zeferino foi a São Paulo e o Palácio do Governo era ali nos Campos Elíseos - não é esse palácio lá no Jardim dos Bandeirantes não... lá no Morumbi, é aqui na cidade, no palácio do [inaudível] é uma beleza o estilo *art nouveau* francês - e o professor foi lá para se entender com o governador e, segundo dizem as más línguas, o doutor Jânio já estava com a sua demissão preparada para a exoneração de Zeferino. Eu sei disso porque na época nós fazíamos

⁴ O entrevistado refere-se à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

parte lá do Centro Acadêmico, participávamos do Centro Acadêmico de Ribeirão Preto, então, nós estávamos esperando, até muito entristecidos, uma troca de diretoria. Você não acredita, o doutor Jânio, nesse despacho com o professor Zeferino, ele confirmou o Zeferino no cargo e acompanhou o Zeferino até a saída na rua, quebrando todo o protocolo. Anos mais tarde, o próprio Jânio... o próprio Jânio fez referências fantásticas do professor Zeferino para mim, numa reunião do Rotary Club, numa reunião cerimoniosa do Rotary Club em São Paulo no Terraço Itália, a respeito do professor Zeferino Vaz. Então o Zeferino ele era tido...

FITA 2 - LADO A

LSL.: ...Castelo Branco, pelo presidente Castelo Branco para reitor da Universidade de Brasília e impediu que lá acontecesse uma catástrofe, porque seguramente iria acontecer um revanchismo incrível pelas forças militares vitoriosas na época. E ele teve uma atitude de muito bom senso, uma atitude de muito equilíbrio, e veja você que na época em que ele dirigiu Brasília e, convém lembrar que o *campus* da Universidade de Brasília fica no quintal do Presidente da República, ele não permitiu que existisse lá intervenções ou invasão dentro do *campus* por tropas ou... enfim, se usasse a força militar. Nesse período, eu tenho o depoimento, tenho o testemunho, era muito freqüente o professor fazer visita de cortesia ao presidente Castelo Branco, e ele estabeleceu, naquele então, relações muito amistosas com o general Geisel⁵, que era o chefe da Casa Militar do Castelo Branco e que posteriormente, quando o professor Zeferino teve o seu período áureo aqui na Unicamp, por coincidência o general Geisel foi o Presidente da República. É a época do pós Médici⁶ em que o Brasil começa a respirar um pouco mais de democracia, começa a ver sinais de abertura e nós estamos tomando conhecimento da desgraça econômica que começava a se abater sobre o país, e o período da euforia, dos anos 70 ela ia... já ia indo embora, não obstante, Zeferino ainda persistia... ainda permanecia incólume na sua autoridade.

EL.: professor, o senhor falou, de que... na época do AI-5 falava-se que a Unicamp era considerada a filha diletta do AI-5...

LSL.: Isso.

EL.: Por que razão?

LSL.: Não, isso não tem conotação ideológica nem política. É que como o AI-5 fechou todas as liberdades democráticas, as garantias individuais; permitia então um enorme autoritarismo para o governo, então o

⁵ General Ernesto Geisel, Presidente da República de 13/03/1974 a 15/03/1979.

governo entendeu em alocar à Unicamp muito recurso, muita vantagem. Então, esse é o motivo que se diz que ela é uma filha dileta do AI-5, porque ela cresceu no período do AI-5, mas sem...[riso] mas ela posteriormente foi uma das molas propulsoras que ajudou a acabar com o AI-5, paradoxalmente, porque se ela fora criada com o beneplácito, com a tolerância, com a convivência do AI-5, o reitor aqui... trouxe para cá pessoas de incrível competência intelectual: Antônio Cândido ou o professor Paulo Freire, ou outros mais, que sem dúvida contribuíram de forma decisiva para que voltasse o estado democrático ao país.

EL.: Tem algumas pessoas que insinuam que a Unicamp foi criada para ser um campo de confinamento de cientistas e intelectuais que deviam produzir, mas por razões políticas da época, eles deviam estar sobre controle político do regime militar. O senhor acha que existia algum plano...?

LSL.: Isso é sonho. Isso é utópico, é irreal. Porque, vamos dizer por hipótese, teria sido um plano elaborado por algum sádico. Digamos que isso tivesse sido verdade, o tempo mostrou que não foi.

EL.: O senhor acredita que foi devido à sabedoria do Zeferino que ele conseguiu aproveitar as circunstâncias do...

LSL.: Exatamente, o Zeferino era muito vivo, muito esperto, e ele... você jamais conseguia ganhar dele, se empatava estava bom. O que eu acho também é que o governo federal estimulou a Universidade de Campinas, facilitou a Universidade de Campinas, porque ele queria aqui no Estado de São Paulo uma outra universidade que, de certa forma, contestasse a hegemonia da USP. Isto sim que eu acho uma hipótese muito plausível e que eu deixo aos historiadores desvendar este mistério, porque a Universidade de São Paulo ela... é ainda a nossa principal universidade, mas ela traz ainda na sua existência o ranço do feudalismo; ainda tem tradições profundamente medievais. Repito: é a mais importante, é a principal do Estado de São Paulo, e eu sou formado por ela, me considero um "uspiano" modificado, purificado pela Unicamp. Está claro? Mas eu acho que esse ponto é uma questão que... Porque, como pode em tão pouco tempo, tão rapidamente uma universidade sair de um canavial? Você sabe que aqui era um canavial? Sai de um canavial e vai para as manchetes de jornais, em que pese todo o meu respeito e admiração ao meu mestre Zeferino - olha a fotografia dele aqui, olha!- e que pese isto tudo, ela teve um apoio pelo menos logístico da área federal. Agora, como se diz também um apoio federal eu gostaria de não deixar que a verdade tomasse outros rumos. É a mesma história de Ribeirão Preto, vamos dizer assim: Ribeirão Preto foi fundado, foi mantido pela "Rockefeller Foundation", isso é mentira. Ribeirão... "Rockefeller Foundation" deu lá alguns pardos dólares, quem manteve Ribeirão Preto mesmo foi o Governo do Estado de São Paulo, foi o professor Lucas Nogueira Garces, foi o doutor Jânio Quadros, posteriormente Carvalho Pinto. Estes... é aquilo que está lá é dinheiro do

⁶ General Emílio Garrastazu Médice, Presidente da República de 30/10/1969 a 15/03/1974.

contribuinte paulista, é coisa de obra de Governo de São Paulo. A mesma coisa aqui a Unicamp. Eu acompanhei bem de perto, posso dizer à você quanto que o doutor Abreu Sodré deu para a Universidade de Campinas. Aí havia uma enorme habilidade do professor Zeferino ir à São Paulo buscar dinheiro. Ele falava assim: "Hoje estamos sem dinheiro no caixa". Então, ele ia de carro para São Paulo e de tarde estava tudo resolvido. Eu citei o Abreu Sodré, posso citar para você o Laudo Natel. O Zeferino me desculpa, às vezes eu digo "o Zeferino" porque ele é mais ou menos marca registrada nossa. Então ele trazia o Laudo Natel aqui, ia à São Paulo, falava com o Laudo Natel, ia no planejamento, fazia de tudo. O nosso amigo, o governador Paulo Egídio Martins deu muito para a Unicamp... eu acho... entende?... então é bom que se diga que quando se diz que ela é uma filha... uma filha adotiva do Ato Número Cinco, e tal: entre aspas, porque quem bancou o jogo aqui foi o Governo de São Paulo. Você sabe como é que o professor Zeferino tirava dinheiro em São Paulo? Ele ia à Secretaria da Fazenda, Secretaria de Obras Públicas e... existe todo o processo tem um fim muito triste, que é a gaveta do administrador. Não é verdade? Todos nós sabemos disso: que para cada processo existe uma gaveta. Então, o professor Zeferino ele ia... acompanhava o processo de mesa a mesa. Eu entrei com ele em algumas ocasiões em prédios públicos de São Paulo, você acredita que o ascensorista pedia um cigarro para ele: "Ô professor, o senhor aí! Me dá um cigarro aí". E o chamava pelo nome. Numa repartição pública o processo estava na mesa de uma secretária, ela dava o despacho e dizia: "Professor, então agora o processo vai para outra seção". Falava: "Filha...", era a expressão carinhosa pela qual ele chamava as funcionárias. "Filha, você me dá licença que eu vou levar esse processo". Ele levava em mãos para uma outra. Então é essa enorme vontade de servir, a esse imenso desejo de trabalhar - que ele era fanático pelo trabalho, apaixonado pelo trabalho - que fez com que ele conseguisse, digamos assim, como uma enzima, harmonizar forças que estavam interessadas em que se criasse em São Paulo uma universidade no interior, da importância que é a Unicamp.

EL.: Professor, ao nível do governo federal o senhor sabia de algum nome...

LSL.: Perdão que eu não ouvi, você pode repetir?

EL.: Em nível de governo federal, havia algum nome, alguma pessoa que o senhor pudesse citar?

LSL.: Sim, não tenha dúvida. Tem uma pessoa que muito ajudou a Unicamp, foi Jarbas Passarinho. O Jarbas Passarinho ajudou muito a Unicamp. Ele... Aliás, eu acho o Jarbas Passarinho um sujeito extraordinário. Ele sobreviveu ao regime militar, aqui na vida hoje em dia, com alta respeitabilidade de todos nós, embora seja um militar, um militar de caserna, como ele diz sempre. O Passarinho, ele dizia sempre que se dependesse dele o Zeferino seria reitor a vida inteira, ele ajudou muito aqui. Uma outra pessoa que também ajudava aqui, eu não me lembro agora exatamente... exatamente o nome assim... eu precisava consultar, é o pessoal do CNPq... o pessoal do CNPq. E digo até que aquele pessoal do CNPq eles não eram muito favoráveis aos

militares não, nunca foram na verdade. Talvez pela própria necessidade de maior liberdade de expressão. Eles ajudaram muito a Universidade de Campinas.

EL.: Para completar esta questão, resumindo, o senhor considera que nesse período a Unicamp se favoreceu das circunstâncias, bem administrada pelo professor Zeferino, soube aproveitar bem as circunstâncias do momento. Agora, o senhor acha que... em relação a questão da autonomia financeira, administrativa, acadêmica e política; o senhor considerava que havia autonomia para a Unicamp? Autonomia financeira, ela tinha autonomia financeira ou não?

LSL.: Ah, tinha. Veja bem... esse... autonomia financeira é uma coisa que eu discuto um pouco, se você me permite eu vou me alongar um pouco nessa resposta. Eu acho que democratizar é você repassar responsabilidades, inclusive de ordem financeira. Certo isto? Muito bem, na época do professor Zeferino havia uma certa... não é que havia fartura de dinheiro, não se esbanjava dinheiro. O que existia era que as despesas eram ordenadas por uma pessoa só. É esse o problema. Porque quando você tem um regime, entre aspas: forte, centralizador, e que assume e diz que é e não fica camuflando, o que é que você tem? Você tem uma otimização de recursos, quer dizer, a chance de você duplicar recursos é muito menor. Eu vou dar um exemplo para você: hoje em dia, será que precisa Reitor de Pós-Graduação, hoje, na Unicamp? Será que precisa ter meia dúzia de pró-reitores? Eu não estou autorizado a responder para você, quero deixar bem claro, nem sim, nem não. Para mim é novidade, porque antigamente, no tempo do professor Zeferino não havia necessidade disso. Evidentemente você pode argumentar, na verdade, naquele tempo os alunos eram menos, hoje mais. Então... mas eu deixo essa indagação de uma forma interrogada. Será que é preciso ter tanto funcionário como tem na Reitoria hoje em dia como tinha no passado? Eu acredito que na época do professor Zeferino havia muito pouco; agora, entre o muito pouco e o excesso será que não existe entre os dois, o bastante, a quantidade suficiente? São observações de uma pessoa que viveu uma época e que hoje em dia mal passa defronte do corredor da Reitoria. Quero deixar bem claro para você isso. Então, eu entendo que não se reclamava tanto de dinheiro naquela época. Muito bem! Mas eu pergunto para você: naquela época nós nem tínhamos hospital, nós vivíamos numa Santa Casa horrorosa, como eu já lhe falei. Nós não tínhamos instrumentos e aparelhos de tecnologia de ponta naquela época, e continuamos não tendo hoje. Esse aqui é um enorme hospital despovoado de recursos materiais, de aparelhos para caracterizar esse hospital como hospital terciário. Então, até me parece que se a gente fosse conversar um pouco mais eu diria para você: olha, esse filme eu já vi. Entende? Quer dizer, eu não sei se as coisas mudaram muito no que tange a rubrica de elementos econômicos.

EL.: Certo. Então, quer dizer, havia uma autonomia em termos, não é?

LSL.: Exatamente. Porque você não tinha muito no que gastar. Você não tinha muito no que pedir. Agora a Física sempre foi bem. Um dos maiores computadores, se não me engano, da época, foi comprado aqui pela Física. Parece que... dizia não sei se de brincadeira ou não, que só a NASA tinha um igual de tão grande que era.

EL.: Agora, autonomia administrativa e acadêmica existia?

LSL.: Sempre, sempre. É igual. É igual.

EL.: Política também?

LSL.: Política também. Veja bem, naquela época não havia possibilidade de organização política, bem claro. Você naturalmente deve registrar esse fato. Se alguém se organizava politicamente era de noite em casa.

EL.: [risos] O senhor é capaz de, em relação a esse período, fazer alguma apreciação sobre a situação da educação e do ensino... e em particular do ensino superior no Brasil?

LSL.: Eu diria à você, o ensino superior cada ano que passa ele vai se deteriorando. Eu temo pela sorte da escola pública no país. Eu sou formado em escola pública, vivi em escola pública, defendo a escola pública, trabalho em escola pública. Então estou bem definido assim. Mas na verdade, à exemplo de que conseguiram acabar com o ensino primário, em termos de escola pública, esfacelaram o ensino primário, o ensino secundário também já foi. Eu me permito prever dias sombrios para o ensino universitário gratuito. As razões: várias. Depende de governo, depende da própria geração de alunos que a cada ano se sucede com uma problemática diferente, e depende de certa forma, também, dos professores, por que não? Eu acho que todo o ensino universitário brasileiro... eu acho que a própria universidade deve começar a se preocupar com ensino, porque entre pesquisa, docência e prestação de serviço à comunidade, são três planos, três pontos, que estão no mesmo nível e merecem a maior atenção e a maior respeitabilidade. Eu não vejo que um deva se sobrepor ao outro. E nós estamos assistindo, pelo menos na área médica, um enorme desejo de servir à coletividade, uma enorme preocupação pelo social, eu gostaria de fazer minha crítica: que isso se faça sem prejuízo do ensino de graduação, do ensino de pós-graduação, *senso estrito* ou *senso lato*. Nós não podemos perder a qualidade do produto final que estamos elaborando. Isto, ao meu ver, só se consegue se nós, de certa maneira, voltarmos ao academicismo moderno da própria universidade. Então, as duas perguntas que você me formulou, uma referente ao ensino e a outra qual foi mesmo?

EL.: Era para que o senhor falasse em geral sobre o ensino superior e sobre a educação como um todo.

LSL.: Bem, eu acho que a própria... as minhas apreciações sobre educação estão embutidas no que eu acabei de dizer.

EL.: Perfeito. professor, como você via o papel da universidade brasileira e, em particular, da Unicamp no processo de desenvolvimento do Brasil naquela época. Era uma coisa assim, muito espetacular, não é? Gostaria que o senhor considerasse a questão do utilitarismo da pesquisa científica e tecnológica. Ou não, não é? Ou seja, a geração de conhecimento humano e a criação de ciência e tecnologia devem ou não estar atrelados à política de desenvolvimento?

LSL.: Isso foi a marca registrada da Unicamp, não é? Talvez tenha sido este item aí da sua pergunta que tenha permitido que a Unicamp tão rapidamente galgasse uma posição de prestígio nacional e internacional. Eu acho que é plenamente válido. Veja, a Física aqui. A Física, ela foi orgulho nacional de prestígio internacional. Hoje, pelo que eu sei, ela... este prestígio já foi abalado, mas ainda continua como área de vanguarda. Veja, a Tecnologia de Alimentos: é uma das áreas de maior importância no país, quem sabe, em todo o mundo. A Química também. A Eletrônica, quer dizer, eu acho... em resumo, o campo das Exatas já atingiu a maturidade científica. O domínio do raio laser, das fibras óticas, vieram cristalizar uma política de investimento que foi exclusivamente do Zeferino. Ele que inventou tudo isso. Naturalmente que ele se assessorou, sei lá... Deus sabe de quantas pessoas, mas foi uma idéia que deu certo. Ele jogou certo. Zeferino era, acima de tudo, um bom jogador, um bom investidor, então deu muito certo, isso aí. A Medicina, ainda eu creio, que até o final do século irá trazer enormes contribuições à universidade. Mas basicamente a inserção da universidade, por exemplo, na política de atender às pequenas e médias empresas... o Zeferino sempre falava nisso, ele dava muito valor a isso; eu acho que é fundamental porque engana-se quem pensa que o maior número dos operários do Brasil pertencem às grandes empresas. Pertencem às pequenas e médias empresas. Esse que é o engano grosseiro que se faz. Então, eu vejo esta proposta da universidade de responder às questões menores e maiores da sociedade como um todo, é um dever, é um direito, é uma obrigação da universidade. E ela pode mesmo, em certa medida, trabalhar em conjunto, harmonicamente com a sociedade e repassando à sociedade o *know-how* que ela tem. Eu acho que é este o caminho da universidade moderna. Não a universidade esclerosada, a universidade arcaica, aquela que fica intra-muros, uma universidade de monges, uma universidade de idéias contemplativas. A meu ver, a grande chance que a Unicamp tem de atravessar incólume períodos de maior ou menor turbulência é exatamente esses mecanismos institucionais que ela tem e que permite que ela faça prestação de serviços a todo o mundo industrial, o mundo... social.

EL.: Quer dizer que o senhor acha que não deve... não há nenhum perigo para a universidade ela participar diretamente de um desenvolvimento científico e tecnológico?

LSL.: Perdão. Não deve haver nenhum perigo desde que esta proposta seja discutida de forma transparente e que, como tudo na vida, seja balizada. Nós não podemos exigir, ou esperar, que a universidade só faça isso,

em detrimento de outros compromissos que ela tem da maior relevância. Desde que não haja excesso, desde que tudo esteja plenamente debatido e aprovado e com controle dos poderes constituídos da universidade, eu acho que isso faz parte da universidade de hoje em dia.

EL.: Certo, professor, fala-se da Unicamp como uma universidade inovadora em relação ao ensino e à pesquisa. Era essa a proposta daquela época. Qual era a sua posição em relação à isso: a Unicamp ser inovadora em relação ao ensino e à pesquisa. Ela tinha a proposta e ela foi efetivamente inovadora?

LSL.: Olha, ela foi inovadora no sentido que ela... Em três tópicos: primeiro - a Unicamp sempre permitiu um acesso direto do aluno ao professor. Nas outras universidades isto não existe, ou não existia. Segundo lugar - é inovadora no ensino porque ela levou o aluno para estudar na comunidade. A área médica deu um grande exemplo disso. Então está aí o projeto de Paulínia. É um projeto pioneiro na época de Zeferino que hoje em dia alcança repercussão... enorme repercussão nacional. E existem aí a Medicina da Unicamp, por exemplo, inserida em postos de saúde, na área de assistência médica da prefeitura e do estado, fora da universidade, portanto, ela é inovadora no campo do ensino. Recursos de audiovisual... nós sempre tivemos bons recursos de audiovisual, corroborando uma vez mais de que ela é inovadora. O currículo, me referindo estritamente à área médica, o currículo da Medicina sempre se compôs bem com a cadeira de Higiene e Medicina Preventiva e Social. A marca registrada do médico formado da Unicamp, sem prejuízo da sua formação científica, foi o seu aprendizado de como se preocupar com o social. Isto é uma luta enorme, que eu rendo as minhas homenagens ao Departamento de Higiene, Medicina Preventiva Social, por esta luta. E naturalmente até porque essa cadeira onde se sedia os estudos sociais. Preocupação de ordem antropológica, embora incipientes. Departamento de Medicina, Departamento de Psiquiatria... Então, a Unicamp, ela trouxe um currículo que eu diria mais moderno, mais arejado, embora ela, desde a sua origem até hoje, fugiu do seu marco inicial que era sua proposta para ser uma faculdade... dentro da medicina, uma faculdade inovadora. Inovar eu acho que ela não inovou muito não. Eu acho que se ela não se esclerosou como as mais antigas, o máximo que ela conseguiu fazer, foi se modernizar um pouco, mas inovar, foi pouca inovação que ela trouxe para o ensino médico. Estou me referindo ao ensino médico. Tudo isso referente ao ensino médico porque aos outros fica mais difícil a minha opinião. Mas em generalidade, o acesso do aluno ao professor isso é [inaudível], é privativo da Unicamp, porque em outras instituições é difícil o aluno chegar e abordar e conversar diretamente com o professor. Também a própria filosofia do tempo integral aqui na universidade... a maioria dos professores aqui são em regime de dedicação integral à docência e à pesquisa, isto também facilita. E outro reflexo positivo que o ensino poderia receber seria o ensino ser beneficiado pela pesquisa. Aí, eu coloco a coisa também em termos de discussão, que na medida que as pesquisas vão se tornando cada vez mais sofisticadas, e por conseguinte maior é o número de alunos de pós-graduação, de especialistas de

outras áreas no país ou no estrangeiro que ocorrem à esses laboratórios, eu tenho impressão que o espaço para o ensino de graduação pode ficar um pouco restrito. Então eu acho que para hoje a minha recomendação à universidade seria que ela realmente fizesse uma análise, a própria Faculdade de Medicina fizesse uma análise, para saber no que ela poderia ainda inovar o ensino, ou se é preciso inovar o ensino. Eu acho muito importante. E, segundo, que o ensino coexistisse juntamente com áreas de pesquisa avançada, sem que houvesse prejuízo para uma das partes. Respondi à sua pergunta?

EL.: Perfeitamente.

LSL.: O meu tempo está se esgotando. Mais cinco minutos.

EL.: Professor, nesse período de 68, havia... predominou muito uma concepção em relação à educação e à formação de recursos humanos. Isso colocava a educação como um investimento fundamental para o processo de desenvolvimento econômico, e o indivíduo educado considerado como um capital, aquela idéia do capital humano. Qual é a sua opinião a respeito disso daí e se isso teve alguma repercussão dentro da Unicamp?

LSL.: Eu acho que isso sempre... essa preocupação sempre existiu por parte dos administradores no sentido de investir na formação e no aprimoramento dos recursos humanos para as atividades universitárias. Talvez aí uma das outras vantagens da centralização, eu diria para você que na época do professor Zeferino havia oportunidades mil para se aprimorar, no país ou no exterior. Às vezes era mais fácil nós arranjarmos uma passagem aérea para o exterior do que tomar a ponte aérea Rio-São Paulo. Havia um professor aqui na universidade que o nome dele era até Sérgio "aeroporto", tanto que ele freqüentava aeroporto. Posso dizer a você que não era eu, embora eu seja Sérgio também. Mas isso é para dizer que demonstrava a confiança com que, vamos dizer, a Reitoria investia nos professores. Havia a agência da Vasp dentro da universidade para atender aos professores. Havia um setor, lá do DGRH, que cuidava especificamente de viagens internacionais. Agora não pense você que essas viagens eram viagens de turismo ou eram viagens de favor. Eram viagens onde, na volta, tudo era cobrado com um rigor incrível, e era uma viagem que somente... autorizada exclusivamente pelo reitor e por ninguém mais, desde que fosse para cuidar de problemas que necessitavam, ou melhor, problemas que não pudessem ser resolvidos na universidade e no país. Eu vou lhe dar um exemplo. Certa época, nós estávamos em dúvida como fazer o nosso canil, o nosso biotério, para estudar, para poder fazer cirurgia experimental o que hoje em dia é uma realidade...

FITA 2 - LADO B

LSL.: ...da Medicina, o "Karolinska Institute", aí você dá um pulinho em Estocolmo, vê esse problema lá, na volta passa por Copenhague, porque lá também existe um outro centro de cirurgia experimental do melhor possível. Eu fui à Europa para resolver o problema e as coisas estão aí. Também quando eu fui diretor eu tive a oportunidade de acompanhar a preocupação com que a Unicamp, como que de uma forma predestinada, ela caminhava por esse caminho do intercâmbio científico internacional. Aquela... não havia ainda a informática, não havia o satélite ou o satélite estava começando, mas a verdade é que nós nos comunicávamos com os principais centros do estrangeiro. Você sabe que existe agências de financiamento aí no governo, mas essas agências, via de regra, elas não priorizam o Estado de São Paulo, ao contrário, elas quase que sempre tem uma maior vocação nordestina, ou de outros estados da Federação. Então, a Unicamp bancou o jogo no afã de aprimorar o seu corpo docente. Eu acho que fez isso muito bem. Eu conheço inúmeros professores aqui que conheceram os principais centros de serviço e a volta deles aqui para universidade trouxe benefícios de enorme importância.

EL.: Mas isso era uma coisa de uma política universitária? Não tinha a ver com uma visão imediatista?

LSL.: Não, não. Política universitária, perfeitamente. Projetos de pesquisa. Não era você vai resolver um probleminha qualquer, vai pega um avião e vai... de jeito nenhum, não havia isso não. Havia uma enorme facilidade, eu até... havia incentivo, havia apoio. Você quer saber uma coisa curiosa, está falando em apoio, incentivo. Eu tenho impressão - isso eu até deixo em termos de desafio, se você constatar o contrário gostaria que você me contasse - era mais fácil conversar com o Zeferino do que com todos os outros reitores que o sucederam, inclusive o professor Paulo Renato. Não digo no meu caso não, porque eu entrava na sala dele introduzido pelo chefe de gabinete e etc. Mas, qualquer pessoa ia falar com o professor Zeferino. Entende? E ele não exercia o reitorado imperial. Eu gostaria que essa minha afirmativa fosse confirmada ou não por você, naturalmente entrevistando os outros professores e me contasse isso. Era uma pessoa fácil, de fácil acesso.

EL.: Professor, nós estamos a meio caminho da nossa entrevista e a gente interrompe hoje - podemos marcar então uma outra oportunidade...

LSL.: Você se entende com a Vera e [sobreposição de vozes]

EL.: Eu gostaria de dizer que até este momento o seu depoimento está sendo realmente muito bom, correspondendo exatamente às nossas expectativas. Eu acho que é um depoimento muito importante não só para o meu trabalho como para a história da universidade. Então, continuaremos na próxima. Eu agradeço por enquanto.

LSL.: Eu que agradeço, muito obrigado.